



O QUE APRENDER EM TEMPO DE PANDEMIA?

Povo Manoki

- ⇒ Educação
- ⇒ Saúde
- ⇒ Cultura
- ⇒ Território
- ⇒ Conhecimento
- ⇒ Estudos

A Educação Escolar Indígena é específica, diferenciada, Intercultural, comunitária e bilingue/multilingue, permite trabalhar os conteúdos de matemática, português, e outras disciplinas associando ao conhecimento tradicional, técnico, científico e filosófico do Povo Manoki. As Escolas indígenas diferenciadas sofrem preconceito não só pela parte dos que não vivem essa educação, mas também por parte dos próprios indígenas, muitas falas desvalorizam essa forma de aprendizado, considerando que a Educação dos kewa (não indígena) é a melhor. Alguns professores Manoki rebatem essas críticas e explicam que há três entendimentos sobre a Educação indígena, a Educação escolar indígena e a Educação escolar. A educação indígena é aquela que se aprende desde pequeno, em casa, na roça, nos rituais, na caçada, na pescaria, com a família e toda a comunidade. A Educação escolar indígena trabalha o que as crianças aprenderam em casa, valorizando o seu conhecimento tradicional. Assim trabalham os conteúdos que todas as Escolas não indígena trabalham de acordo com seu projeto político pedagógico, trabalhando a interculturalidade. Os alunos aprendem os conhecimentos importantes para sua formação fora da aldeia, mas, aprendem principalmente na educação escolar indígena que é o respeito pelo outro, aprendem que devem defender o seu território e o seu povo, aprendem a ser honestos, verdadeiros, transparentes, coletivos, aprendem que precisam preservar a floresta porque depende dela, aprende sobretudo o que é moral, caráter e personalidade.

ÂJALI - A bola do látex da mangabeira

O povo Manoki tem um conhecimento milenar, a arte de confeccionar a bola feita da extração do látex de uma planta do cerrado que chamamos de mangabeira, seu fruto é a mangaba e na época de produção coletamos os frutos para ser consumido *in natura*. Para retirar o látex é preciso acordar muito cedo, antes do nascer do sol deve estar no pé da mangabeira, faz vários cortes nela com a faca de seringa e com o auxílio de um buzinate (bicas ou biqueiras) fixado quase no pé da árvore leva o látex até um copo maior que ficará ali por um tempo, depois de cortar várias árvores você deve voltar recolhendo os copos e o látex, colocando numa garrafa pet. Da última vez que fomos ao campo acordamos às 04h00min da manhã, não é recomendado retirar o látex no período da tarde ou se estiver fazendo calor, pois, o líquido não vai descer, dificultando a extração. Para confeccionar uma bola é preciso um litro do látex da mangabeira. Em casa com aquele sol quente, você prepara uma tábua comprida e lisa, não pode ser áspera, deve medir de 10 a 30 cm de largura e uns 03 metros ou mais de comprimento, em cima deve derramar um pouco do látex sobre a tábua e esparramar com a mão medindo de largura 05 centímetros, o comprimento é o tamanho da tábua, deixar secar o líquido e faz uma segunda e terceira demão. Enquanto isso em uma panela pequena e rasa deve ser colocada ao fogo para esquentar, em seguida coloca um pouco do látex que vai ferver e depois fritar, ficando em formato de um círculo medindo uns 10 cm de diâmetro. Depois que o látex criar uma resistência

como uma borracha, esse círculo é dobrado ao meio, no centro deve ficar um vazio e nas laterais deve ir apertando com os dentes para fechar e não deixar passar o ar, em seguida na parte que ficou aberta é só assoprar com a boca de forma delicada para não estourar, faz - se uma bola, deve ver qual tamanho quer a bola e então fecha essa entrada de ar. Com o auxílio de uma tesoura é preciso cortar as partes que não será usada, principalmente do lado que foi apertado com o dente, fica umas sobras sem utilidade. Então é hora de ir colocando as camadas de látex que você já preparou na tábua e está pronta para ir dando o formato ideal na bola. Puxe uma ponta e cole na bola, vai puxando e enrolando delicadamente de forma que a bola vai tendo uma resistência. O leite derramado sobre a tábua vai ficar igual uma fita e é preciso fazer vários para a bola ficar boa e no peso ideal. Para testar se está ficando boa é jogada para cima diversas vezes, para quem está fazendo perceber aonde está torta e onde será necessário passar mais camada do látex, depois disso ela é pintada de urucum e está pronta para o Âjali Pagi (jogo de cabeça bol).



Ājali Papi, o futebol de cabeça

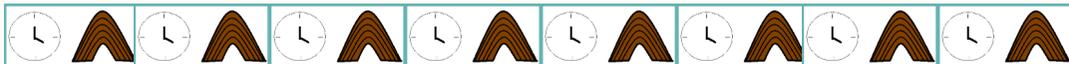
O jogo Ājali Papi é um esporte praticado pelos Manoki há muitos anos, sempre foi o momento de diversão dos nossos avós e ainda permanece forte em nossa cultura. Para ter um jogo uma pessoa faz o seu time e chama um adversário, na cultura Manoki é entendido como provocar ou atacar seu adversário, que por sua vez sentindo desafiado deve preparar e enfrentar o seu oponente. Numa partida pode se jogar outros times ao mesmo tempo, não é necessário jogar apenas os que provocaram o jogo, mas, aqueles que querem jogar levando seus prêmios para a disputa, o responsável do jogo é chamado de chefe do jogo, que pode ser também o mestre da partida e quando cansado pode ser substituído pelo seu companheiro de equipe. Todas as Aldeias são convidadas a participar da festa, os chefes preparam seus prêmios para esses dias de jogo que será de muita disputa, trazem para premiar seu adversário: cará, batata, milho fofa, amendoim, algodão, colares, redes, chicha feito do milho ou batata, anzol, linhada, pólvora, sabão, banana, arroz, açúcar, feijão entre outros. O campo é do tamanho de um campo de futebol society ou maior onde duas varas bem alta é fincado nas laterais do campo bem ao meio, cada equipe ou mais fica de cada lado guiado pelo seu mestre, o campo deve ser de terra para que a bola possa quicar. Os chefes põem seus prêmios em um lado onde é colocada a vara que divide o meio do campo para iniciar a partida, antes do início da partida cada chefe faz a troca de flecha. No local ficam duas pessoas de cada equipe para pegar prêmio quando seu time faz ponto ou para colocar prêmio quando sua equipe perde um ponto. Para dar início à partida o mestre fala U'mjaki (*Preste atenção*) e deve jogar a bola

no chão de forma rasteira para o mestre de outra equipe, este pega e devolve novamente ao mestre que jogou a bola e aguarda a bola retornar para arremessar para cima fazendo quicar ao meio do campo, o mestre adversário espera a bola quicar uma vez e pode bater com a cabeça, em seguida qualquer um da equipe adversária já pode bater na bola, sendo que na primeira jogada somente os mestres devem bater. Para ganhar um prêmio você precisa fazer o adversário errar três vezes consecutivos e a bola só pode tocar a cabeça, o erro não vem apenas do ato de errar a bola com a cabeça, pode ser um toque na costa, no braço, na mão, nos pés ou na perna, ou ainda quando duas pessoas vão ao mesmo tempo à bola com a intenção de tocar ela com a cabeça, nesse caso é cobrado o Xinī, ou seja, não valeu a jogada.

Sempre quem erra fica com a saída de bola, no terceiro erro da equipe a equipe adversária grita, confirmando que ganhou o prêmio, quem esta responsável de pegar o prêmio pega e a equipe adversária coloca outro prêmio. Quando a equipe está preste a ganhar um prêmio todos ficam dizendo alŷkunē, alŷkunē (vai morrer, vai morrer) caso não chegue a fazer o seu adversário errar e este adversário que faz o time errar, esta equipe também grita para simbolizar que quebrou a sequência de 3 erros que vinham cometendo, a vez para fazer a pontuação passa para a equipe que quebrou a sequência. O jogo não tem horas para começar e nem para terminar, jogam o dia todo durando de 03 a 05 dias, podem jogar as crianças que já sabem jogar crianças, jovens e anciãos. Existem algumas regras do jogo e também regras para as mulheres, um exem-

plo é que as mulheres não devem tocar na bola no momento do jogo, conta se uma história em que os homens jogavam o Ājali Papi e uma pessoa bateu a bola com a cabeça bem forte e a bola passou pelo time adversário entrando numa casa, uma moça em seu período de menstruação pegou a bola e devolveu ao mestre, este pega a bola e arremessa para seu adversário, ao tocar a bola ele cai morto no meio do campo. Também é ensinado que a mulher não deve tocar a bola por que seus seios ficarão grandes, então sempre é pedido para as mulheres não tocar a bola para não envenenar, uma expressão usada nos dias atuais fazendo referência a historia do homem que morreu.

As mulheres tem um papel fundamental nesse jogo, elas preparam a comida, faz a bebida durante o jogo, confecciona rede, fazem cordas de tucum, além de participar na torcida e rindo das falas engraçadas que surge durante o jogo. Nesse jogo todos ganham a premiação, ninguém sai com ar de rivalidade, tudo termina em um grande espetáculo e todos felizes. Hoje contamos a pontuação mas, no passado não seguia a contagem, apenas disputava os prêmios que eram colocados no jogo, no final dividem para todos os jogadores da partida.



O BEM VIVER MORA AQUI

Feira solidária - Geração de renda

No mês de abril na semana indígena a ideia de realizar a feira se concretizou, a professora Marta Tipuici junto ao Professor Edivaldo Lourival Mampuche sentaram para conversar sobre o assunto e pensar estratégias para que tudo fosse planejado e colocado em prática. No dia 10 de abril de 2021 foi realizada a primeira feira solidária na Aldeia Cravari pensando na geração de renda dentro da própria aldeia e esse evento deu um resultado positivo aso envolvidos e a comunidade. "A gente apenas incentivou o início né, mas quem faz a feira é a comunidade, não sou eu, não é o professor Edivaldo né", disse a professora Marta em sua entrevista feito via whatsapp. Ela afirma que o seu desejo é que a feira continue e que se amplie também no município após a pandemia. O professor Edivaldo que trabalha na Educação com o povo Manoki desde 2006 e hoje está no mestrado na Unemat de Barra do Bugres MT é formado em Ciências da Natureza e Matemática, ele contribuiu com suas palavras dizendo que após acompanhar o festival "Jurueña vivo" foi observando as pessoas que levavam e mostravam seus produtos e falavam sobre a economia solidaria que se baseia na troca de alimentos e produtos, o que uma pessoa tem e a outra não se fazem a troca ou vendem seus excedentes. A feira nos proporcionou um momento de união, de geração de renda sem precisar sair da aldeia, também mostra que temos produtos de qualidade sem agrotóxicos e que é possível produzir e viver bem sem desmatar a natureza. O professor Edivaldo diz que a ideia de realizar a feira vem sendo pensada há algum tempo. Em suas palavras ele fala que nunca tiveram a coragem de propor isso pra comunidade, sempre conversaram sobre a ideia, até que chegou o mês de abril e vendo que as maiorias das pessoas estavam apenas na aldeia devido à pandemia, seria o momento ideal de propor algo diferente para todos. No dia 19 de abril foi planejado o Ajali papi para os meninos de 7 a 11 anos, neste momento de pandemia em que o coronavírus matou muita gente e continua matando, as aulas presenciais paradas, chegamos à conclusão que estava na hora de propor a feira para a comunidade, uma vez que todos estavam vacinados com a 2ª dose. E assim a realização da 1ª Feira solidária dentro do território Manoki foi um sucesso, desde abril até maio tivemos realização de 04 feiras, envolvendo as aldeias próximas como Recanto do Alípio, Paredão, 13 de Maio, 12 de Outubro e cachoeirinha, sem contar que ideia despertou interesse de outros povos como Parecis e Nambikwara.



A preparação da tinta retirada do jenipapo

O Janê é uma fruta usada por diversas etnias, é um dos meios de demonstrar a resistência dos povos indígenas e é usada apenas para pintar os nossos corpos em momentos de festas culturais, apresentações ou no momento que estamos felizes e queremos nos pintar. Janê é o nome do jenipapo em nossa língua materna, encontrávamos somente na TI Manoki, um território tradicional as margens do Manamiaki (Rio do Sangue) que o povo Manoki aguarda a homologação, antes nós ia buscar na aldeia do Povo Myky ou nas fazendas, hoje já temos alguns pés de jenipapo plantado em nossa aldeia. Para fazer a tinta do jenipapo é simples, precisa apenas de um ralo pequeno que pode ser encontrado nos supermercados, desses ralos que se usa para ralar verduras e fazer saladas, mas pode ser feito também com uma tampa de leite ninho, desde que seja de lata, apenas pega um martelo e um prego e vai fazendo uns furos, em um pedaço de zinco também é possível fazer. Você vai precisar de uma garrafa Pet, um ralador, um pedaço de pano fino, uma faca, um par de luvas se preferirem para não deixar as mãos pretas da tinta, com a faca retira a casca deixando apenas as sementes para ser ralada, são das sementes que se obtém a tinta. Depois de ralar todo o jenipapo é preciso colocar dentro do pano fino para ser torcido, tirando apenas o caldo e jogando o bagaço das sementes fora, a tinta está pronta e pode ser usada nas diversas pinturas do povo Manoki. O nosso povo tem várias pinturas e todas com significados, tem a pintura da onça, da guerra que são usadas apenas pelos homens e de arco-íris é somente para as mulheres, tem do tamandú, da casa tradicional, do Pyri (cesto) entre outras pinturas. Algumas pinturas são somente para homens e outras para as mulheres. Antes de se pintar é melhor tomar banho, e não usar nenhum tipo de creme na pele, se não a tinta não aparece, sempre é bom pintar bem cedo ou final da tarde, sem pegar sol para evitar o suor e assim não borrar a pintura. A tinta no corpo dura cerca de 10 a 15 dias para sair completamente do corpo.

Pintura da oca



Pintura do Pyri



Pintura de dança feminino



Pintura do arco-íris feminino



#PL490NÃO

